



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO
CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR
EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

HOSANA TORRES DE ARAÚJO

**EDUCAÇÃO SEXUAL NA PERSPECTIVA DE ESTUDANTES E DO PRO-
FESSOR DE UMA TURMA DE CIÊNCIAS EM UMA ESCOLA DO CAMPO
NO CARIRI PARAIBANO**

SUMÉ – PB

2023

HOSANA TORRES DE ARAÚJO

EDUCAÇÃO SEXUAL NA PERSPECTIVA DE ESTUDANTES E DO PROFESSOR DE UMA TURMA DE CIÊNCIAS EM UMA ESCOLA DO CAMPO NO CARIRI PARAIBANO

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo.

Orientador: Professor Dr. Almir Anacleto de Araújo Gomes.

SUMÉ - PB

2023



A663e Araújo, Hosana Torres de.
Educação sexual na perspectiva de estudantes e do professor de uma turma de ciências em uma escola do campo no Cariri Paraibano. - 2023.

34 f.

Orientador: Professor Dr. Almir Anacleto de Araújo Gomes.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo.

1. Educação sexual. 2. Escola do campo. 3. Educação do Campo. 4. Ensino de ciências. 5. Roda de conversa. I. Gomes, Almir Anacleto de. II Título.

CDU: 37.018:631.88(043.1)

Elaboração da Ficha Catalográfica:

Johnny Rodrigues Barbosa
Bibliotecário-Documentalista
CRB-15/626

HOSANA TORRES DE ARAÚJO

EDUCAÇÃO SEXUAL NA PERSPECTIVA DE ESTUDANTES E DO PROFESSOR DE UMA TURMA DE CIÊNCIAS EM UMA ESCOLA DO CAMPO NO CARIRI PARAIBANO

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciada em Educação do Campo.

BANCA EXAMINADORA:

**Professor Dr. Almir Anacleto de Araújo Gomes.
Orientador – UAEDUC/CDSA/UFCG**

**Professora Dra. Aldinete Silvino de Lima.
Examinadora I – UAEDUC/CDSA/UFCG**

**Professor Dr. Fabiano Custódio de Oliveira.
Examinador II – UAEDUC/CDSA/UFCG**

Trabalho aprovado em: 07 de novembro de 2023.

SUMÉ - PB

AGRADECIMENTOS

Gratidão, primeiramente, a Deus, que me deu força e coragem para chegar até aqui, contornando os obstáculos e me reconstruindo a cada ferida curada, pois durante minha trajetória acadêmica teve dor que consegui curar, teve feridas que consegui sarar, teve aflições que superei, teve desespero que enfrentei, mas nunca sem Deus. Portanto, minha palavra-chave é gratidão a Deus sempre!

Não poderia esquecer um agradecimento, em especial, ao meu pai *Luiz Francisco (in memoriam)* que, sem dúvida, estaria muito feliz por ver minha conquista. É a ele que dedico este trabalho, pois, onde quer que esteja, está torcendo por mim, e assim como Deus, vem me dando força para seguir em busca dos meus objetivos.

Agradeço também ao pai da minha filha *José Nilton (in memoriam)* que me deixou de presente o melhor de mim, e que também estaria feliz por essa conquista.

Agradeço de forma mais que especial a minha filha, *Heloisa Torres*, que foi a responsável por tudo e todas as coisas que aconteceram na minha vida desde que ela chegou. É por ela que vivo e é por ela que faço a minha existência, sem nem sonhar, ela já me livrou de várias situações e já me fez construir castelos que ela desconhece. Obrigada meu amor maior por tudo e por tanto, sei que ela também está feliz por ver minha vitória.

Gratidão a minha mãe *Edileusa Luísa*, que ficou feliz por mim, desde o primeiro dia que soube que eu iria entrar na universidade pública, pois ela sabe das minhas lutas e obstáculos e que, assim como ela, sonhava em ter uma formação acadêmica. A ela também dedico este trabalho, que sei que torce, não só por mim, mas pelas suas três estrelas, e, aproveitando o ensejo, agradeço a *Edvirges Batista (Nino)* e *Luiz Batista (Dum)*, meus irmãos, e ao meu padrasto *João Batista (Fusca)*, que acreditaram em meu esforço nesta caminhada, em que fui me lapidando à medida que trilhava os labirintos da vida acadêmica.

E não poderia deixar de agradecer aos meus mestres, dos quais não vou citar nomes para não correr o risco de esquecer alguém. Porém, tive os que irão me servir de espelho até o fim de minha vida, tive também os que criaram obstáculos na minha caminhada, mas que serviram de impulso para minha trajetória ser concluída com sucesso, obrigada a todos os meus professores e professoras que, sem dúvidas, irão ficar marcados no meu coração e, em especial, a professora *Aldinete Lima*, que confiou e ajudou a conduzir minha pesquisa com muita atenção e carinho.

Por fim, obrigada aos colegas e amigos que torceram por essa conquista que não é só minha, mas de todos aqueles que estiveram comigo, de forma direta ou indireta, e que me deram força e me incentivaram a chegar até aqui.

OBRIGADA POR TUDO E POR TANTO!

“Educação sexual tem a ver com aumentar o grau de felicidade e de bem-estar”.
Figueiró (2006, p. 17)

RESUMO

A pesquisa versa sobre Educação do Campo, Educação Sexual e ensino de Ciências Naturais. Para compreender a temática, buscamos respostas à questão central: como a Educação Sexual é discutida nas aulas de Ciências em uma escola do campo? A investigação teve por objetivo geral compreender como a Educação Sexual é discutida nas aulas de Ciências Naturais em uma turma dos anos finais de uma escola do campo do Cariri paraibano, seguido dos objetivos específicos: (i) identificar como a Educação Sexual é discutida nas aulas de Ciências da turma participante; (ii) compreender o que os estudantes e o(a) professor(a) pensam sobre a Educação Sexual. O estudo foi realizado com a participação de 06 estudantes do 8º Ano do Ensino Fundamental de uma escola do campo e 01 professor da área de Ciências da Natureza que atua na turma participante. Os dados foram produzidos por meio de uma roda de conversa com os estudantes e professor e uma entrevista semiestruturada com o professor. Os resultados apontam que os estudantes temem estudar a Educação Sexual na escola, uma vez que sentem dificuldade de conversar com a família. O professor indica ter trabalhado com a temática e aponta a relevância para a formação dos estudantes. O estudo abre possibilidades para estudar a diversidade sexual e a luta contra a violência sexual nas escolas, bem como destaca a importância de trabalhar a especificidade da Educação do Campo em todas as temáticas e áreas do conhecimento.

Palavras-chave: Educação do Campo; Educação Sexual; Ensino de Ciências.

ABSTRACT

The research deals with Field Education, Sexual Education and Natural Sciences teaching. To understand the issue, answers to the central question were sought: how is Sexual Education discussed in Science classes in a Field Education School? The general objective of the investigation was to understand how Sexual Education is discussed in Natural Sciences classes in an elementary school class at a Field Education School in the Cariri region of Paraíba. The specific objectives were: (i) to identify how Sexual Education is discussed in the Science classes of the participating class; and (ii) to understand what students and teachers think about Sexual Education. This study was carried out with the participation of 06 students from the 8th year of Elementary School from a Field Education School and 01 teacher from the Natural Sciences area who works in the participating class. Data was produced through a “conversation round” with the students and teacher and a semi-structured interview with the teacher. Results indicate that students fear studying Sexual Education at school, as they find it difficult to talk about that to their families. The teacher indicates having worked with the issue and points out its relevance for the students’ education. This study opens up possibilities for studying sexual diversity and combating sexual violence in schools, as well as highlights the importance of working on the specificity of Field Education in all themes and areas of knowledge.

Keywords: Field Education. Sexual Education. Natural Science teaching.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIDS	Síndrome da Imunodeficiência Adquirida
ARCAFAR	Associação Regional das Casas Familiares Rurais
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CONTAG	Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura
ENERA	Encontro Nacional de Educadores e Educadores da Reforma Agrária
IST	Infecções Sexualmente Transmissíveis
LGBTQIAPN+	Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer / Questionando, Intersexo, Assexuais / Arromânticas / Agênero, Pan / Poli, Não-binárias e mais
MAB	Movimento dos Atingidos por Barragens
MMC	Movimento das Mulheres Camponesas
MPA	Movimento dos Pequenos Agricultores
MST	Movimento dos Trabalhadores Sem Terra
PB	Estado da Paraíba
PRONERA	Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UnB	Universidade de Brasília
UNEFAB	União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas no Brasil
UNESCO	Organização das Nações Unidas para Educação, Ciências e Cultura
UNICEF	Fundo das Nações Unidas para a Infância

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 EDUCAÇÃO DO CAMPO	14
3 EDUCAÇÃO SEXUAL.....	17
4 ENSINO DE CIÊNCIAS EM ESCOLAS DO CAMPO	19
5 PERCURSO METODOLÓGICO	21
6 RESULTADOS E DISCUSSÕES	23
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
REFERÊNCIAS	29
APÊNDICE A	31
APÊNDICE B.....	32
APÊNDICE C	33
APÊNDICE D	34

1 INTRODUÇÃO

A adolescência é a passagem da infância para a vida adulta e exige cuidado e atenção. Caracteriza-se por transformações físicas, emocionais e sociais que, na maioria das vezes, se constituem em desafio. Um dos grandes desafios desta etapa do desenvolvimento humano é a iniciação sexual que, atualmente, tende a ser cada vez mais precoce (Souza; Fernandes; Barroso, 2006).

Ainda que ocorram mudanças biológicas neste período, pode-se dizer que a adolescência é um conceito social, que se modifica de uma cultura para outra. Nesta fase tende a ocorrer uma busca frenética pela identidade e o despertar do erotismo, gerando conflitos internos e externos que influenciam decisões e deixam os adolescentes vulneráveis ao enfrentar pressões impostas por uma sociedade culturalmente educada com marcas do preconceito. Sendo assim, podem ser facilmente influenciadas/os pelo grupo social, mesmo que tenham dificuldade em identificar suas percepções e sentimentos em relação à sexualidade, sem ter um conceito formado sobre esta temática (Freitas *et al.*, 2004; Almeida; Centa, 2008; Freitas; Dias, 2010).

Partindo do pressuposto de que a escola tem um papel fundamental para que a/o adolescente tenha acesso às informações sobre sexualidade, usando como instrumento a educação sexual formal, sobre a qual pretendo me deter neste estudo, ou seja, no contexto educacional, no sentido de tornar a escola um meio de levar informações para que os adolescentes possam entender melhor as mudanças sofridas pelo corpo, como também entender como e quais os cuidados necessários à saúde e ao controle da natalidade.

Este tema despertou o meu interesse para desenvolver esta pesquisa, visando uma maior discussão dentro da sala de aula, envolvendo não só os alunos, mas também políticas públicas educacionais que, na visão da escola do campo, possam contribuir com o aprendizado de forma efetiva, ou seja, algo que envolva a comunidade escolar e as famílias dos alunos na perspectiva de sanar dúvidas relacionadas ao tema e assim enfatizar que Educação Sexual não é ensinar aos adolescentes o ato sexual, mas se descobrir enquanto adolescente e, primeiramente, entender seu próprio corpo e depois aprender como evitar doenças, gravidez indesejada e até mesmo poder identificar a violência sexual, que, na maioria das vezes, vem de pessoas bem próximas e acaba afetando o desempenho na sala de aula e a convivência com as pessoas que fazem parte da conjuntura escolar.

Nesse sentido, podemos fazer uma reflexão sobre como ficaria um/a adolescente que sofreu abuso sexual, sem dúvida, seu comportamento iria retroceder com relação ao restante da turma, apresentar quadros de depressão com comportamento triste, sem querer conversar ou participar das atividades curriculares, ou seja, a vítima de violência sexual está exposta a riscos que comprometem gradativamente a saúde física e mental. Em casos de violência contra crianças e adolescentes, Brino e Williams (2003) concordam que a escola seria um lugar ideal para detecção e intervenção nos casos de abuso sexual infantil, uma vez que o agressor contra esta população frequentemente se encontra na família. Porém, não é fácil para a escola e, principalmente, na escola do campo se envolver no seio familiar com um tema tão forte e que apresenta uma diversidade na forma como pode ser visto e discutido.

Cabe destacar, em primeiro lugar, que nem sempre as escolas do campo contam com apoio de profissionais como psicólogo ou psicopedagogo. Em segundo lugar, as famílias do campo, muitas vezes, ainda não desmistificaram a ideia de ignorância e de achar que ninguém deve se envolver nas questões do seio familiar, além disso, dependendo desses ou mais fatores, pode até gerar violência física contra a criança ou adolescente.

A escola deve estar comprometida com os direitos da criança e do adolescente, mas também deve estar atenta a como identificar e qual a melhor forma de ajudar, além disso, deve quebrar os tabus que ainda existem nas famílias, e mostrar que é simples e fácil conversar sobre as mudanças ocorridas no corpo, dentro da própria família. Assim, a escola pode fazer o seu papel de forma mais abrangente, no sentido de gerar uma discussão maior, levando em conta o histórico dos alunos, ou seja, pensar na possibilidade de quebrar paradigmas entre escola, alunos e pais.

Neste sentido, a pesquisa foi desenvolvida tomando por referência a questão central: *Como a Educação Sexual é discutida nas aulas de Ciências em uma escola do campo?* Para tanto, delineamos o objetivo geral: compreender como a Educação Sexual é discutida nas aulas de Ciências Naturais em uma turma dos anos finais de uma escola do campo do Cariri paraibano.

Na busca por respostas à problemática da pesquisa, traçamos os seguintes objetivos específicos:

- Identificar como a Educação Sexual é discutida nas aulas de Ciências da turma participante;

- Compreender o que os estudantes e o(a) professor(a) pensam sobre a Educação Sexual.

Para tanto, a pesquisa fundamentou-se nos estudos sobre Educação do Campo, Educação Sexual e Ensino de Ciências (Santos, 2008; Santos, 2015; Carvalho, 2009; Vargas, Soares e Bisognin, 2020). Trata-se de uma pesquisa de natureza qualitativa, que fez uso dos seguintes instrumentos de coleta de dados: entrevista semiestruturada com o professor e por uma roda de conversa realizada em uma aula de Ciências em uma turma do 8º ano do Ensino Fundamental de uma escola do campo do Cariri paraibano.

A pesquisa foi dividida em quatro seções, tendo como parte inicial a visita na instituição para conhecer o espaço e dialogar com os profissionais atuantes na sala de aula, na gestão e na coordenação escolar. Em um segundo momento em sala de aula, com uma roda de conversa com a turma participante. No terceiro momento, uma entrevista com o professor da turma em um espaço bem familiar e por último a organização dos dados coletados.

2 EDUCAÇÃO DO CAMPO

A ideia de mudar a concepção da Educação Rural e constituir a Educação do Campo nasceu em julho de 1997, quando foi realizado o I Encontro Nacional de Educadores e Educadoras da Reforma Agrária – ENERA, no campus da Universidade de Brasília - UnB, promovido pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST, em parceria com a própria UnB, o Fundo das Nações Unidas para a Infância – UNICEF, a Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura – UNESCO e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB. No processo de construção dessa ideia, foram realizados estudos e pesquisas a respeito das diferentes realidades das pessoas do campo.

Mais de vinte e cinco anos após as primeiras discussões do movimento por uma Educação do Campo, estamos vivenciando uma nova fase na construção deste paradigma. As experiências construídas pelos movimentos camponeses e organizações correlatas, especialmente, por meio do PRONERA – Programa Nacional de Educação na Reforma Agrária – dimensionaram a ideia e o conceito de Educação do Campo, interagindo com as outras dimensões da vida do campo. Esse processo aconteceu com a participação dos coletivos, tais como: o MST, a Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura – CONTAG, a União Nacional das Escolas Famílias Agrícolas no Brasil – UNEFAB e a Associação Regional das Casas Familiares Rurais – ARCAFAR e com a participação de camponeses(as), ribeirinhos, extrativistas, seringueiros, entre outros povos do campo, das águas e das florestas, que foram os protagonistas do desenvolvimento de projetos de educação em todos os níveis.

No período de 1997 a 2004 aconteceram seminários regionais em todas as regiões do país para divulgação das Diretrizes Operacionais da Educação Básica para as Escolas do Campo (BRASIL, 2002) com o apoio dos diversos movimentos e organizações. Por conseguinte, a criação de cursos novos e a difusão do referencial teórico nas escolas geraram experiências que foram desdobradas em reflexões, estudos e pesquisas.

Nesse processo, foram envolvidos outros movimentos camponeses, como o Movimento dos Pequenos Agricultores – MPA, Movimento dos Atingidos por Barragens – MAB, Movimento das Mulheres Camponesas – MMC. A relação com instituições públicas foi ampliada por meio de parcerias com universidades federais, estaduais e comunitárias de todas as regiões. A criação de cursos de alfabetização de jovens e adultos, de cursos de nível

médio, de nível superior: graduação e pós-graduação proporcionou a elaboração de monografias em diversas áreas do conhecimento.

Esses estudos, pesquisas e reflexões contribuíram na construção da concepção de Educação do Campo que conhecemos na atualidade. Além da escolarização dos sujeitos do campo, destaca-se o desenvolvimento de diversas atividades com os educandos, valorizando as práticas, aumentando a produção de materiais didáticos apropriados, possibilitando maior participação dos sujeitos em seminários locais, regionais e nacionais, bem como nos cursos que proporcionam discussões sobre o desenvolvimento do campesinato brasileiro (Caldart, 2009; Molina, 2003).

A intensificação do debate sobre a Educação do Campo aconteceu também pela ampliação das parcerias e pelo fato de os movimentos estarem colocando este paradigma na agenda dos estados e dos municípios através de seminários, encontros e publicações sobre Educação do Campo.

O curso de Licenciatura em Educação do Campo, por exemplo, é uma formação por área de conhecimento que, além de formar o sujeito como docente, também oferece a formação em gestão escolar e coordenação pedagógica, que contribui com uma formação integradora, e emancipatória para o discente durante o processo formativo, porém, em suma, o mercado trabalhista não oferece grandes oportunidades de acordo com cada região, muito embora seja uma Licenciatura, no que se refere a concurso, torna-se escasso o acesso, no entanto, segue a luta por maior identificação e valorização profissional.

Segundo Santos (2015, p. 19), a Educação do Campo “baseia-se numa educação para a emancipação dos povos do campo, contraditória as ideias constituídas pelo urbano, como único modelo de ascensão social”. O que se busca é um modelo de educação que se contraponha à educação tecnicista, que tem a aprendizagem apenas como meio de preparação da mão de obra qualificada para o mercado de trabalho. Esse modelo de educação não permite ao estudante se tornar investigador, formador de sua própria opinião sobre a sua realidade. Ao contrário desse modelo, buscamos contribuir com a formação de um estudante crítico e, conseqüentemente, provocador de transformações sociais no meio em que vive.

Para alcançar a emancipação social dos camponeses, a Educação do Campo fundamenta-se nos seguintes princípios:

- I - respeito à diversidade do campo em seus aspectos sociais, culturais, ambientais, políticos, econômicos, de gênero, geracional e de raça e de etnia;
- II - incentivo à formulação de projetos políticos-pedagógicos específicos para as escolas do campo, estimulando o desenvolvimento das unidades escolares como espaços públicos de investigação e articulação de experiências e estudos direcionados para o desenvolvimento social, economicamente justo e ambientalmente sustentável, em articulação com o mundo do trabalho;
- III - desenvolvimento de políticas de formação de profissionais da educação para o atendimento da especificidade das escolas do campo, considerando-se as condições concretas da produção e reprodução social da vida no campo;
- IV - valorização da identidade da escola do campo por meio de projetos pedagógicos com conteúdo curriculares e metodologias adequadas às reais necessidades dos alunos do campo, bem como flexibilidade na organização escolar, incluindo adequação do calendário escolar às fases do ciclo agrícola e às condições climáticas;
- V - controle social da qualidade da educação escolar, mediante a efetiva participação da comunidade e dos movimentos sociais do campo (Brasil, 2010, p. 1).

No que se refere à diversidade do campo, esse princípio nos leva a compreender um horizonte imenso de formas de organização social e de diferenças nos vários aspectos característicos dos povos camponeses, conforme acentua Santos (2015), é essencial compreender a diversidade de territórios brasileiros, visto que o país carrega em seu interior diversas culturas, povos e saberes.

3 EDUCAÇÃO SEXUAL

O objetivo principal da educação sexual é preparar os adolescentes para a vida sexual de forma segura e consciente. Este processo de educação sobre a vida sexual se faz essencial para a prevenção de diversas situações indesejadas, como infecções sexualmente transmissíveis (ISTs), gravidez na adolescência e experiências sexuais traumáticas.

Essa educação auxilia crianças e jovens em formação a aprenderem a ter autonomia nas questões sexuais, chamando-os à responsabilidade de cuidar de seu próprio corpo e suas vontades. Porém, para algumas pessoas, os educadores devem se limitar a promover os ensinamentos apenas de informações mais relacionadas à saúde, como prevenção de ISTs e de gravidez na adolescência, sem abordar tópicos como gênero, orientação sexual e consentimento.

Na teoria parece simples, no entanto, as políticas públicas voltadas para o tema sugerido nem sempre demonstram eficácia. Faz-se necessária a participação de profissionais da saúde nas escolas, principalmente nas escolas do campo, pois, mensalmente ou trimestralmente, nas escolas, colocam-se muitas datas e campanhas, no entanto, a campanha de combate à Síndrome da Imunodeficiência Humana – AIDS, por exemplo, não é algo visto e discutido nas escolas. A ausência de discussão sobre tal temática evidencia a dificuldade de se estabelecer diálogo sobre sexualidade, que poderia ser sanada fugindo um pouco do livro didático e incentivando pesquisas e realização de campanhas, como a luta no combate da gravidez na adolescência.

A realização de palestras, de roda de conversa, escuta dos alunos que, muitas vezes, passam por situações adversas por falta de informações e até mesmo de diálogo, a visita de uma equipe de saúde nas escolas, trazem a ideia de que algo está sendo pensado no processo evolutivo do adolescente. Quantas e quantas adolescentes têm a primeira menstruação sem saber o que fazer e, muitas vezes, procuram ajuda de colegas ou até mesmo da internet por falta de orientações que deveriam existir em casa mesmo ou na escola?

Vale ressaltar que sexualidade e educação sexual são duas vertentes diferentes. Sexualidade é como o ser humano se identifica, e, nessa perspectiva, podemos ressaltar algo polêmico, que também envolve educação sexual, que é a discussão de gênero, e nos leva a perceber uma série de aprendizados.

Em meio a tantos debates e discussões que envolvem acima de tudo o preconceito e a discriminação, conforme Santos (2008), a partir de meados de 1990, houve uma abertura

gradual da educação para a discussão das relações de gênero no âmbito das políticas públicas. Ou seja, gradativamente o espaço vem sendo conquistado. No Brasil, existem muitas barreiras na quebra do preconceito para com a população de pessoas que se identificam como Lésbicas, Gays, Bi, Trans, Queer/Questionando, Intersexo, Assexuais/Arromânticas/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias e mais - LGBTQIAPN+, pois existe um falso discurso da família tradicional abarcado por uma grande maioria que oprime as minorias. Ao longo dos anos, tivemos mudanças, até na nomenclatura LGBTQIAPN+, indício de que evoluímos, no sentido de que, com avanço nas discussões e polêmicas, gerou-se um encorajamento ou até mesmo um empoderamento da população com identificação de gênero indefinida, porém o preconceito e a violência sofrida por esse público ainda é muito comum. Mesmo com a evolução da humanidade e com o avanço nas políticas públicas, a falta de respeito e consideração com a vida humana ainda é aterrorizante.

Na perspectiva de evolução e na busca por direitos, a comunidade LGBTQIAPN+ conquistou o dia mundial, que é dia 28 de junho. A escola não pode excluir a discussão sobre a diversidade de gênero e sexualidade, bem como sobre os índices de violência contra a mulher no Brasil. A educação sexual é algo que não se propõe apenas à escola, mas também às políticas públicas que envolvam o tema, como a própria família, na tentativa de diminuir principalmente o preconceito, porém, tratando-se de educação sexual na escola, vale levar em conta a necessidade da educação sexual intencional ser um componente dos currículos de formação de professores, de forma que não seja vista como anomalia, mas como parte da educação geral fundamental, como relata Carvalho (2009):

É importante que a comunidade escolar seja capaz de não confundir educação para uma sexualidade emancipatória apenas com a mera introdução de um espaço na estrutura curricular, uma aula informativa- instrucional, mas perceber que é preciso um projeto coletivo amplo, multidisciplinar, uma intervenção para discutir a significação do ser homem e do ser mulher vigente e presente em todos os momentos de vivência escolar e social (Carvalho, 2009, p. 57).

Precisamos, portanto, buscar cada vez mais formas de compreender as motivações e influências sobre o comportamento humano, estudando as relações que estabelecemos com o mundo, em várias linguagens midiáticas, com ênfase no desenvolvimento dos processos de educação, sempre educação sexual. Desvendando nosso caminhar nesse tema, bem como as vivências dos estudantes nesse processo, será possível ampliar conhecimentos e potencialidades que possibilitem experiências pedagógicas mais significativas para todos os envolvidos.

4 ENSINO DE CIÊNCIAS EM ESCOLAS DO CAMPO

O ensino de Ciências Naturais vem se tornando importante no desenvolvimento da sociedade em termos de produção do conhecimento sobre os territórios brasileiros. No que diz respeito à educação, existem pesquisas, tais como os estudos de Pereira (2015) e Schiottfell (2018), que objetivam compreender como o ensino de ciências pode contribuir com o conhecimento, de maneira a favorecer uma aprendizagem que tenha significado, visto que “é importante dar sentido ao aprendizado, devendo partir de situações cotidianas, para que a partir disso, o aluno admita sentido tanto para os conhecimentos científicos tanto para os conhecimentos oriundos de sua própria vivência com o meio em que vive” (Vargas; Soares; Bisognin, 2020, p. 124).

Compreendemos que o ensino de ciências nas escolas do campo tem um papel essencial para a transformação da realidade das comunidades camponesas, principalmente, quando pautado na interdisciplinaridade e na integração de saberes tradicionais. O trabalho coletivo entre professores de diferentes áreas do conhecimento pode ser um caminho para tal articulação e para o trabalho com projetos temáticos.

Na Educação do Campo, desenvolver trabalhos interdisciplinares e realizar projetos temáticos favorece a discussão crítica da realidade das comunidades, a exemplo do estudo sobre o bioma Caatinga no Semiárido brasileiro e sobre a Educação Sexual nas escolas. Esse debate é central nos cursos de Licenciatura em Educação do Campo com as áreas de Ciências da Natureza e Matemática, visto que os licenciandos desenvolvem atividades integradas no tempo de universidade e no espaço da comunidade com o objetivo de compreender os diferentes saberes.

Considerando a diversidade do campo e as lutas dos movimentos sociais por uma educação com qualidade socialmente referenciada, observamos o quanto é necessário que sejam apresentados caminhos para a realização da articulação entre as diferentes áreas do conhecimento, bem como entre a área de Saúde e Educação.

A pesquisa de Vargas, Soares e Bisognin (2020) aponta que, nos últimos anos, tem avançado o número de trabalhos com foco no ensino de Ciências da Natureza e Matemática na perspectiva da Educação do Campo. Percebe-se nesses trabalhos a busca pelo diálogo e a problematização na educação, tendo em vista a diversidade dos sujeitos que integram as escolas e a luta por políticas públicas.

Os cursos de licenciatura em Educação do Campo, assim como os programas de pós-graduação, constituem-se como caminhos para elevar o ensino aprendizagem à problematização, considerando que, em relação ao ensino de Ciências, problematizar a realidade tornar-se essencial para a formação de futuros pesquisadores e a qualidade do ensino, as etapas, os métodos, as explorações podem ser o melhor caminho a seguir. (Vargas; Soares; Bisognin, 2020).

Ademais, o ensino de ciências em escolas do campo pode ser ancorado na pedagogia freireana, que estimula a curiosidade epistêmica, a autonomia e a investigação crítica sobre a vida, no sentido de despertar o interesse para compreender a relação homem, natureza e sociedade e como pode transformar e autotransformar-se no meio em que vive. O educando que reside no Semiárido precisa exercer cidadania para lutar por uma convivência com o clima e aridez dos territórios semiáridos. Assim, é essencial que se conheça a ciência e seus fundamentos para garantir condições dignas de vida, saúde e trabalho.

Nesse sentido, a Educação Sexual apresenta-se como uma boa possibilidade de estudo sobre a saúde, de modo a contribuir com o exercício da cidadania e com a qualidade de vida das famílias camponesas, sobretudo, pelo respeito à diversidade LGBTQIAPN+ e a luta contra a violência sexual.

5 PERCURSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa foi realizada em uma escola do campo do município de Sumé – PB, na turma do 8º ano do Ensino Fundamental. Participaram da pesquisa 06 estudantes e 01 professor da área de Ciências da Natureza.

A pesquisa teve por objetivo geral compreender como a Educação Sexual é discutida nas aulas de Ciências Naturais em uma turma dos anos finais de uma escola do campo do Cariri paraibano.

Utilizamos como instrumento de pesquisa a roda de conversa e a entrevista semiestruturada com o objetivo de identificar como a Educação Sexual é discutida nas aulas de Ciências da turma participante e compreender o que os estudantes e o(a) professor(a) pensam sobre a Educação Sexual.

De acordo com Moura e Lima (2014), a roda de conversa pode tornar-se uma forma de produzir dados, visto que o pesquisador participa da conversa e, ao mesmo tempo, produz dados da pesquisa.

Para Creswell (2010), a roda de conversa é uma maneira de explorar e entender o que os participantes individuais ou os grupos pensam sobre o tema. No nosso caso, pretendíamos identificar o que os estudantes e o professor da turma pensam sobre a Educação Sexual trabalhada na escola. Além do registro em um diário de campo sobre as informações discutidas durante a roda de conversa, realizamos uma entrevista semiestruturada com o professor da turma que ensina Ciências nos anos finais do Ensino Fundamental.

A pesquisa é de natureza qualitativa e fundamenta-se na concepção de Minayo (2008), por apresentar uma preocupação com o nível de realidade dos participantes, uma vez que busca analisar as atividades trabalhadas na escola do campo sobre Educação Sexual.

Pensando como docente, na perspectiva de educação sexual, é importante lembrar que devemos fazer uma análise do contexto em que a escola está inserida e acompanhar o modo de pensar dos alunos e organizar material de forma que oportunize crianças e adolescentes a refletirem sobre o tema proposto e buscar quebrar tabus no que diz respeito a dúvidas e preconceitos, principalmente em escolas do campo, onde ainda não foi desmistificada a ideia de que educação sexual é só para adultos, e, além disso, deixar claro que educação sexual não é ensinar o ato sexual, mas ajudar a criança e o adolescente a se entender e acompanhar as mudanças físicas e psicológicas.

A escola, de fato, é o local onde devemos abordar assuntos esclarecedores, tendo em vista que a fase de transição da infância para adolescência acontece dentro desses espaços.

Oliveira (2013) afirma que a escola é um local de diversidade, pois nela o aluno tem acesso a pessoas diferentes das de sua família e, dessa forma, consegue entender o mundo com mais referências. Ainda de acordo com Oliveira (2020), o objetivo da escola é, juntamente com a família, promover o desenvolvimento do aluno. Podemos dizer que a educação sexual na escola está ligada à formação do indivíduo enquanto ser humano, e pauta-se nas opiniões e decisões ou ideais acerca do contexto em que estão inseridos.

Para a análise dos dados, tomamos por referência os estudos sobre Educação do Campo e Educação Sexual, enquanto política pública educacional (Caldart, 2009; Souza, Fernandes e Barrosa, 2006). Utilizamos nomes fictícios para nominar os participantes com a intenção de garantir o direito ao anonimato.

6 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Nesta seção apresentamos, na primeira parte, por meio da roda de conversa, o que os participantes pensam sobre a Educação Sexual na escola. Na segunda parte, discutimos como é trabalhada a Educação Sexual nas aulas de Ciências.

O que os participantes pensam sobre Educação Sexual na escola?

A roda de conversa fluiu de forma dinâmica e espontânea com 6 estudantes e o professor da turma, tendo a participação mais efetiva de um adolescente que aparentava ser o estudante de maior idade dentre eles.

A atividade aconteceu em uma aula de Ciência, no dia 05 de julho de 2023. Para início de conversa, houve uma breve apresentação e buscamos estabelecer um diálogo tentando deixar a turma interessada em participar e, sobretudo, com liberdade e autonomia para responder às perguntas.

Sempre com respostas curtas e objetivas, quando perguntamos o que a turma esperava aprender em uma aula de Educação Sexual, o estudante *João Francisco*¹ respondeu:

Aprender mais sobre o assunto, pois nunca conversei com ninguém sobre esse tema, e na escola dependendo da pessoa, fico a vontade, tudo vai depender do mediador da conversa. (João Francisco, 2023)

Percebemos que o estudante estava um pouco tenso ao responder à pergunta, porém, com o decorrer da conversa, ele foi interagindo de forma natural. Assim, a conversa ficou mais leve. Os demais estudantes da turma responderam que não tinham tanta clareza sobre o assunto e que não tinham abertura sobre o tema proposto dentro do convívio familiar.

Na oportunidade, conversamos sobre a temática e esclarecemos que a Educação Sexual na escola não quer dizer que os alunos irão chegar em casa e dizer aos pais: “estão ensinando na escola como fazer sexo”. A Educação Sexual trata sobre as mudanças do corpo, métodos de prevenção, como se cuidar de ISTs, entre outras coisas. Por isso que a Educação Sexual deveria ser considerada além de um assunto do livro didático. Faz-se necessário trazer uma discussão mais ampla, em que o aluno pudesse realizar pesquisas e seminários voltados para o tema, isso ajudaria ao aluno a ter mais abertura para falar com a família.

¹ Nome fictício para garantir o anonimato do estudante.

Compreendemos que, na escola do campo, o debate sobre a vida, a saúde e as políticas públicas não pode deixar de acontecer em todos os aspectos, visto que as comunidades camponesas ainda são excluídas de campanhas sociais e da oferta de exames preventivos.

Na opinião do professor da turma, *José Adalberto*:

É interessante esse tema educação sexual, que aborda vários temas, como: a puberdade, que é a transformação do nosso corpo, mas o que quero que eles entendam principalmente é a educação sexual, que é você se educar para vida sexual. Na minha adolescência eu não poderia nem sequer falar a palavra sexo em casa diante dos pais, que na verdade era para ser uma conversa com a iniciativa dos deles, mas entendo que, assim como eles não falaram comigo sobre o assunto, eles também não tiveram abertura dos pais deles, justamente por falta de conhecimento ou/e até mesmo por ignorância, pois sexo era coisas de adultos (José Adalberto, 2023).

Entendemos que a Educação Sexual vai além de preparar a criança e o adolescente para a vida sexual. A escola em que o estudante estuda pode e deve contribuir com o crescimento físico e mental do ser humano e, no que diz respeito à Educação Sexual, auxiliar não apenas no crescimento, mas também com esclarecimentos sobre a orientação sexual.

Como é trabalhada a Educação Sexual nas aulas de Ciências?

Para obter respostas sobre a questão supracitada, realizamos uma entrevista semiestruturada com o professor *José Adalberto*. Perguntamos como ele trabalha a Educação Sexual nas suas aulas, que estratégias utiliza, se alguma vez convidou alguém da comunidade para participar do debate, se já discutiu sobre a diversidade LGBTQIAPN+ e se ele percebe alguma diferença entre trabalhar Educação Sexual em uma escola do campo.

Quanto às estratégias, o professor relatou:

Geralmente eu começo as minhas aulas indagando se os educandos já ouviram falar sobre o tema. Em seguida, trabalho com uma leitura compartilhada (José Adalberto, 2023).

A interação entre o professor e os estudantes é importante para estabelecer o diálogo. No entanto, é possível ampliar o debate com os pais e pessoas da comunidade. Em suas respostas, o professor da turma informou que não convidou os pais ou pessoas da área da saúde para discutir o tema porque ele tem pouco tempo atuando em sala de aula. Mas,

precisamente com a turma participante. De acordo com o professor, “apenas no presente ano é que estou com uma turma que os conteúdos abrangem educação sexual”.

O professor José Adalberto explicou que nas aulas que ele trabalhou com Educação Sexual realizou as seguintes atividades:

Quando trabalhei este conteúdo utilizei atividades escritas e reflexivas e a resolução de exercícios, onde ocorreu a leitura compartilhada, debate entres os educandos. Em seguida, trabalhei com atividade de fixação no caderno (José Adalberto, 2023).

Quanto às discussões relacionadas à diversidade LGBTQIAPN+, segundo o professor José Adalberto, o debate sempre ocorreu em suas aulas.

A estratégia que utilizo é a mesma, realizo uma pesquisa prévia referente aos temas e em seguida realizamos um diálogo sobre o assunto ouvindo a opinião de cada educando. Depois utilizo a atividade de fixação. Tento conscientizar os educandos que cada ser humano é único e precisa ser respeitado diante da sua escolha e diversidade. (José Adalberto, 2023).

Consideramos importante destacar que ter o debate sobre o movimento LGBTQIAPN+ é uma boa iniciativa. Entretanto, é preciso ir além disso. Recomendamos a leitura de pesquisas que discutem a luta por direitos do movimento LGBTQIAPN+ articulada aos movimentos sociais do campo.

Em relação a violência sexual, o professor informou que discutiu em sala de aula quando trabalhou com o Programa Saúde na Escola.

Trabalhei o que é violência sexual e exemplifiquei que há vários tipos de violência sexual, o mais recorrente acontece com membros da família. (José Adalberto, 2023).

No que diz respeito à especificidade da Educação do Campo, o professor participante afirmou que não percebe que tem diferença entre discutir educação sexual na escola do campo e na escola da sede. De acordo com o professor José Adalberto:

É um tema que geralmente tem um certo preconceito, ou seja, os educandos e até mesmo alguns professores não se sentem à vontade para conversar sobre o assunto que, na verdade é muito importante (José Adalberto, 2023).

Comprendemos que o professor tem pouco tempo com a turma em que ele trabalha com a Educação Sexual e diversidade LGBTQIAPN+. Contudo, é importante perceber a identidade da escola do campo. Para se trabalhar a temática na escola do campo, deve ser considerada a cultura da comunidade e, principalmente, as políticas públicas que estão

disponíveis. Como acentua Caldart (2009), a tríade da Educação do Campo é campo, políticas públicas e educação, que precisam ser trabalhadas de forma integrada.

É importante destacar que trabalhar com a Educação Sexual em sala de aula não deve ser algo “robotizado”, ou somente seguir o livro didático, que, na maioria das vezes, é algo padronizado. Compreendemos os desafios que o professor de escola pública enfrenta, mas trazemos essa reflexão para incentivar os professores a fugir um pouco dos padrões e realizar uma aula prática trazendo algo do cotidiano, por exemplo, mostrar métodos contraceptivos, trabalhar com narrativas de pessoas LGBTQIAPN+ e pessoas que sofreram violência sexual, trabalhar com os movimentos sociais do campo, entre outras estratégias na perspectiva do respeito e da valorização da diversidade de povos, gênero e sexualidade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de pesquisa é fundamental na vida acadêmica, na perspectiva de conhecimento e busca do novo. Na realização deste trabalho, pudemos observar como é o cotidiano dos professores e alunos de uma escola do campo, desde o momento em que saem de casa e já chegam na escola enfadados de uma viagem longa, dentro de transportes que, em sua maioria, não apresentam nenhum conforto ou até mesmo segurança para os usuários.

Foi uma pesquisa gratificante, porque percebemos que com a nossa proposta ajudamos ao professor na discussão com a turma, e contribuímos com a disciplina de ciências, além disso, agimos de forma leve, trabalhando a temática da educação sexual sem tabus, conseguimos refletir sobre os medos, as inseguranças e dúvidas dos adolescentes da escola onde foi feita a pesquisa, enfrentamos desafios que foram superados, em suma, devemos vincular a família com a escola naquilo que podemos entender como bem maior para os nossos adolescentes e tornar esse processo de autoconhecimento natural.

No entanto, vimos, que nem sempre há um suporte nas instituições, apoiando os profissionais em sua formação sobre o tema e nas maneiras de abordagem em uma sala de aula.

O que não significa que esta responsabilidade seja apenas da instituição, pois o profissional também não deve se acomodar em seus conhecimentos, mas sempre procurar evoluir e atuar de forma contínua e sólida. A pesquisa trouxe conhecimento sobre o que é a sexualidade e a educação sexual e como podemos tentar atuar em sala de aula, promovendo segurança nessa formação das crianças, nesse momento de descobrimento, curiosidade, experimentação e domínio sobre si. Além de trazer posicionamentos e pensamentos de autores, que enfatizam sobre a educação sexual ser algo presente na vida de todos, e que não há motivos, portanto, para não se trabalhar e responder a dúvidas dos alunos, que estão no ambiente escolar justamente para adquirir um conhecimento confiável e que poderão levar para o resto de suas vidas. Por isso, a importância de se portar com sabedoria na abordagem da sexualidade, e se ter domínio do conteúdo que está sendo ensinado ao aluno.

Quanto aos desafios de implementação da educação sexual na escola, existem paradigmas e restrições diretamente relacionados a muitas famílias, que precisam quebrar tabus para que o tema seja algo que a escola possa tratar. Assim, faz-se necessário conscientizar não só os profissionais sobre a importância de trabalhar o tema, mas também passar segurança para a família, sobre o quão valioso é receber ensinamento diretamente de

profissionais, que podem agregar valores, experiências e conceito sem que a própria criança busque por respostas que, por muitas vezes, pode achar de forma errada, em conteúdos equivocados e repletos de erros e preconceitos.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução n. 01 de 03 de abril de 2002.** Diretrizes Operacionais para Educação Básica nas Escolas do Campo. Brasília, DF, 2002.
- BRASIL. **Decreto-Lei N° 7.352, de 5 de novembro de 2010.** Dispõe sobre a política de educação do campo e o Programa de Educação na Reforma Agrária - PRONERA. Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil. Brasília, DF, 1-2 5 nov., 2010a. Seção 1, nº. 212.
- Brino, R. F., & Williams, L. C. A. (2003). Concepções da professora acerca do abuso sexual infantil. *Cadernos Pesquisa*, 119, 113-128.
- CALDART, R. Educação do campo: notas para uma análise do percurso. **Trab. Educ. Saúde**, Rio de Janeiro, v. 7 n. 1, p. 35-64, mar./jun.2009. Disponível em: Acesso em: <https://www.scielo.br/j/tes/a/z6LjzpG6H8ghXxbGtMsYG3f/?format=pdf&lang=pt> 03 mar. 2023.
- CARVALHO, G. M. D. de. "**Tá ligado!?**": diálogo entre adolescentes e telenovelas da rede Globo. Interfaces na construção da compreensão da sexualidade. 2009. 174 p. Dissertação (Mestrado) - Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências Humanas e da Educação, Mestrado em Educação, Florianópolis, 2009.
- CRESWELL, J. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.** Tradução Magda Lopes, 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREITAS, D. *et al.* **Caderno de estudos independentes: conversando sobre a Sexualidade Adolescente.** Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC. Centro de Educação a Distância – CEAD. 2ª ed. Florianópolis, 2004.
- LAURA, A.; LUIZA. A.; PARAGUAI, B.; EDUARDA. M. **Educação sexual no ambiente escolar.** Betim, 2021 (artigo) Centro Universitário Unabetim Instituto De Ciências Humanas Curso De Pedagogia
- MINAYO, M. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde.** 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.
- MOLINA, M. **A contribuição do proner na construção de políticas públicas de educação do campo e desenvolvimento sustentável.** Brasília, 2003. (Tese) Doutorado em Desenvolvimento Sustentável. Centro de Desenvolvimento Sustentável da Universidade de Brasília. 2003.
- MOURA, A.; LIMA, M. A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 23, n.1, p. 98-106, jan.-jun. 2014. Disponível em: <file:///C:/Users/User/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/Maria%20Ven%C3%A2ncia/Refer%C3%A2ncias%20Roda%20de%20conver.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2023.
- OLIVEIRA, P. N. **A sexualidade em adolescentes no ambiente escolar.** (Trabalho de

Conclusão de Curso de Graduação em Psicologia). Atibaia: UNIFAT, 2020.

OLIVEIRA, Z. M. R. **Educação Infantil**: fundamentos e métodos. São Paulo: Editora Cortez, 2013.

PEREIRA, E. S. **Contribuições da abordagem temática freireana para o ensino de ciências de uma escola do campo de Iguai/BA Ilhéus –BA**. 2015. 144 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências). Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2015.

SOUSA, L. B.; FERNANDES, J. F. P.; BARROSO, M. G. T. **Sexualidade na adolescência**: análise da influência de fatores culturais presentes no contexto familiar. ACTA, Fortaleza – CE, 2006.

SANTOS, J. **Articulação entre conteúdos matemáticos e atividades produtivas camponesas**: um estudo realizado no agreste alagoano, 2015. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco, CE. Programa de Pós- Graduação em Educação Matemática e Tecnológica, Recife, 2015.

SANTOS, C. *et al.* Diversidade sexual na escola e a homofobia: a capacitação de professores como estratégia de intervenção. In: FAZENDO GÊNERO 8, Anais. Florianópolis, 2008. Disponível em: https://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg8/sts/ST5/Santos-Ramos-Timm-Cabral-Lobo_05.pdf

SCHLOTTFELDT, L. M. **Oficinas temáticas e o ensino de ciências da natureza em uma escola do campo do município de Santa Maria, Rio Grande do Sul**. 2018 90 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências e Matemática). Universidade Franciscana, Santa Maria, 2018.

VARGAS, A.; SOARES, G.; BISOGNIN, E. A educação do campo na pesquisa em ensino de ciências e matemática: um levantamento. **Revista Educar Mais**. Santa Maria, v. 4, n. 1, p. 120-139, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/1755>. Acesso em: 17 abr., 2021.

APÊNDICE A**Termo de Anuência da Escola**

Eu, _____, gestora da escola _____ autorizo o desenvolvimento da pesquisa intitulada: **“EDUCAÇÃO SEXUAL NA PERSPECTIVA DE ESTUDANTES E DO PROFESSOR DE UMA TURMA DE CIÊNCIAS EM UMA ESCOLA DO CAMPO DO CARIRI PARAIBANO”**, que será realizada no período de agosto de 2023 a novembro de 2023, tendo como pesquisador(a) Hosana Torres de Araújo, estudante da Licenciatura em Educação do Campo do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido (CDSA) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

Sumé, _____ de _____ de 2023.

Assinatura

APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Prezado(a) professor(a),

Cumprimentando-o(a) cordialmente, vimos convidá-lo(a) a participar da pesquisa: **“EDUCAÇÃO SEXUAL NA PERSPECTIVA DE ESTUDANTES E DO PROFESSOR DE UMA TURMA DE CIÊNCIAS EM UMA ESCOLA DO CAMPO DO CARIRI PARAIBANO”**, vinculada ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido da Universidade Federal de Campina Grande para elaboração do Trabalho de Conclusão do Curso (TCC), sob minha responsabilidade.

A pesquisa objetiva compreender como a Educação Sexual é discutida nas aulas de Ciências de uma escola do campo de um município do Cariri paraibano.

Para tanto, solicitamos a autorização para o registro do áudio das suas respostas e asseguramos a confidencialidade, a privacidade e a proteção do áudio. Comprometemo-nos em manter a confidencialidade sobre os dados produzidos na roda de conversa e na entrevista semiestruturada e, ao publicar os resultados da pesquisa, manter o anonimato, a fidelidade aos dados pesquisados e que os dados coletados não serão repassados a pessoas não envolvidas na pesquisa.

Este documento (TCLE) foi elaborado em duas VIAS, que serão rubricadas e assinadas pelo participante e pelo estudante responsável, ficando uma via com cada um.

CONSENTIMENTO PÓS-INFORMAÇÃO

Declaro que li e concordo em participar da pesquisa.

Sumé, ____ / ____ / ____.

Assinatura do Participante da Pesquisa

CPF:

Assinatura do Estudante

CPF:

APÊNDICE C

Roteiro da Roda de Conversa

- a) O que vocês entendem sobre educação sexual?
- b) Vocês já conversaram com seu pais sobre sexualidade? Se sim, como foi?
- c) Vocês conhecem métodos anticoncepcionais? Quais?
- d) O que vocês acham sobre o uso de camisinha?
- e) Vocês acham que o jovem precisa de orientações em casa sobre sexo/sexualidade?
- f) Vocês acham que esta é uma tarefa para mãe, para o pai de ambos, ou da escola? Por quê?
- g) Na opinião de vocês, qual a importância de educação sexual na vida de um(a) adolescente?

APÊNDICE D

Roteiro da Entrevista Semiestruturada

- a) Nome: _____
- b) Que estratégia você utiliza para discutir educação sexual com a turma? Explique como fez.
- c) Alguma vez convidou alguém da comunidade para participar do debate sobre o tema? Por quê?
- d) Utilizou alguma atividade escrita? Explique como propôs.
- e) Alguma vez discutiu sobre sexualidade e a diversidade LGBTQIAPN+? Explique como discutiu.
- f) Alguma vez você discutiu sobre a violência sexual? Explique.
- g) Para você, há alguma diferença entre discutir Educação Sexual em escola do campo e em escola da sede? Se sim, qual? Explique:

Data da entrevista: _____